



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

AMANDA HELLEN GOMES DE MESQUITA

**CONHECENDO E TECENDO REFLEXÕES SOBRE AS VIVÊNCIAS EM EDUCAÇÃO
SEXUAL DOS ALUNOS DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

**FORTALEZA
2017**

AMANDA HELLEN GOMES DE MESQUITA

**CONHECENDO E TECENDO REFLEXÕES SOBRE AS VIVÊNCIAS EM EDUCAÇÃO
SEXUAL DOS ALUNOS DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à
Coordenação do Curso de Ciências Biológicas da
Universidade Federal do Ceará, como requisito à
obtenção do título de licenciado em Ciências
Biológicas.

Orientador: Prof. Dr. Raphael Alves Feitosa.

FORTALEZA

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- M543c Mesquita, Amanda Hellen Gomes de.
Conhecendo e tecendo reflexões sobre as vivências em educação sexual dos alunos de ciências biológicas / Amanda Hellen Gomes de Mesquita. – 2017.
38 f.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Curso de Ciências Biológicas, Fortaleza, 2017.
Orientação: Prof. Dr. Raphael Alves Feitosa.
1. Educação Sexual. 2. Vivências. 3. Ensino de Biologia. I. Título.

CDD 570

AMANDA HELLEN GOMES DE MESQUITA

**CONHECENDO E TECENDO REFLEXÕES SOBRE AS VIVÊNCIAS EM EDUCAÇÃO
SEXUAL DOS ALUNOS DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à
Coordenação do Curso de Ciências Biológicas da
Universidade Federal do Ceará, como requisito à
obtenção do título de licenciado em Ciências
Biológicas.

Aprovada em: 11 / 07 / 2017.

EXAMINADOR

Prof. Dr. Raphael Alves Feitosa (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Deus, as forças boas do universo que
conspiraram a favor e aos meus pais, e irmã

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais por seu amor e esforços em manter a filha estudando, obrigada por sempre acreditarem em minha capacidade , mesmo quando eu duvidava dela e nunca deixarem que os obstáculos impedissem a realização desse sonho.

A minha irmã pelas horas de conversa sobre o tema do meu tcc e especialmente por ter me ajudado muito durante esse trabalho e na vida.

A minha cachorrinha Mel, que foi minha companheira durante várias madrugadas acordada fazendo trabalhos da faculdade.

Ao Prof. Dr. Raphael Alves Feitosa, pela paciência, carinho e orientação nesse tempo que trabalhamos juntos.

Aos colegas entrevistados, pelo tempo e apoio concedido nas entrevistas.

Aos amigos que fiz no curso de Ciências Biológicas, pelo tempo que passamos juntos estudando, viajando, ou simplesmente conversando deitados no chão do Centro de Ciências. Considero-me com muita sorte de encontrar pessoas com tamanha afinidade, cada um de vocês tem um espaço guardado no meu coração e vou levar suas memórias para sempre. E a você, que acha que não merece esse agradecimento.

E finalmente a Deus, por ter me dado o presente de entrar nessa Universidade quando menos esperava e por ter colocado as pessoas certas no caminho.

“O principal objetivo da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente de repetir o que outras gerações já tenham feito – homens que sejam criativos, inventivos e descobridores. O segundo objetivo da educação é formar mentes que possam ser críticas, possam verificar e não apenas aceitar tudo o que lhes seja oferecido”. (PIAGET, 1969, p.182).

RESUMO

Percebendo a relevância que a Educação Sexual apresenta no universo escolar, local onde o professor atua como um orientador, buscamos conhecer as práticas docentes dos alunos de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Ceará sobre o respectivo tema. Assim, investigamos as reflexões dos mesmos mediante suas ações, conhecer a forma como estão se preparando para lecionar o assunto, apresentar suas opiniões sobre as contribuições que o curso de Licenciatura em Ciências Biológicas para sua formação docente. Foram realizadas entrevistas com os alunos que trabalharam Educação Sexual durante os estágios supervisionados ou em alguma prática docente realizada em outros projetos. A entrevista seguiu um roteiro de três partes: Identificação do Aluno; Opiniões e Vivências durante o curso; Perspectiva da futura prática docente. Foi constatado que os entrevistados reconhecem a importância e o interesse dos alunos das escolas públicas no assunto. A maioria busca apoio para planejar suas aulas em materiais encontrados na internet por conta própria, com exceção de alguns membros da bolsa Pibid, os quais conseguiam materiais com a ajuda de seus orientadores de bolsa. A maioria reconhece a importância de se tratar a temática da sexualidade e que ajudem a promover o respeito e igualdade em sala de aula. Porém, nem todos se consideram preparados para abordar tais assuntos como questão de gênero, homofobia, violência sexual. Os entrevistados citaram a falta de espaço que o tema tem durante a graduação, que não existe discussão dentro de nenhuma disciplina do curso. Consideramos então, que a Educação Sexual faz parte da trajetória acadêmica de muitos alunos do curso e que esses acabam por se prepararem por conta própria ou por conseguirem apoio em outras atividades. Desse modo, seria interessante que o curso promovesse mais debates e discussões acerca do tema, a fim de contribuir para uma melhor preparação dos futuros docentes.

Palavras-chave: Educação Sexual. Vivências. Ensino de Biologia.

ABSTRACT

Realizing the relevance that Sexual Education presents a school universe, where the teacher acts as a guide, it was sought to know as teaching practices of undergraduate students in Biological Sciences of the Federal University of Ceará on the respective theme. One can find out how their reflections through their actions, know a way is being prepared to teach the subject and present their opinions on the contributions to the licentiate course in Biological Sciences in their training to play role. It was conducted in interviews with students and labor. Sex education during internships or in practice. The interview followed a three-part script: Student Identification, Opinions and experiences during the course and Perspective of future teaching practice. It was found that the interviewees recognized the importance and the interest of the students in the subject. Most seek support to prepare their classes on materials found on the internet on their own, with the exception of Pibid scholarship items that got materials with the help of their scholarship advisers. Most recognize the importance of addressing sexuality issues that help promote equality in the classroom. However, not everyone considers themselves prepared to address such as gender, homophobia, sexual violence. Interviewees cite the lack of space that has theme during a graduation, there is no discussion within any course discipline. It is then considered that Sexual Education is part of the academic trajectory of many students of the course and that they end up preparing themselves or getting support in other activities. It would be interesting for the course to promote more debates and discussions on the subject, an end to contribute to a better version of future teachers.

Keywords: Sexual Education. Experiences. Biology Teaching.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
Pibid	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência
PET	Programa de Educação Tutorial
ESEF 2	Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental II
DSTs	Doenças Sexualmente Transmissíveis
ESEM	Estágio Supervisionado no Ensino Médio
AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
E1	Entrevistado 1
E2	Entrevistado 2
E3	Entrevistado 3
E4	Entrevistado 4
E5	Entrevistado 5
E6	Entrevistado 6

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	SEXUALIDADE & IDENTIDADE: DESAFIOS PARA A DOCÊNCIA...13	
2.1	ESCOLA COMO LÓCUS DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE	15
3	SEXUALIDADE ALÉM DE CONCEITOS BIOLÓGICOS	17
4	METODOLOGIA	20
5	RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	21
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
	REFERENCIAS.....	32
	APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA.....	35
	APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO.....	36

INTRODUÇÃO

O tema do presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) surgiu a partir das experiências vividas nos estágios obrigatórios do curso de licenciatura em Ciências Biológicas realizados nos anos de 2015 e 2016, período de ainda vigência dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1997). A estima pelo tema Educação/Orientação Sexual surgiu quando foi necessário trabalhar-se o tema nas práticas docentes realizadas nos estágios e quando observei o assunto sendo ministrado em diferentes escolas públicas da cidade de Fortaleza.

Durante estas experiências na função de estagiária /professora, onde o contato com parte do cotidiano de jovens estudantes e com professores já em exercício da profissão se tornou maior. Reconheci a extrema necessidade de se estar bem preparada para se trabalhar com informações referentes à sexualidade. Os alunos das escolas públicas em que fiz estágio demonstravam curiosidade e necessidade de saber mais sobre o tema, visto que muitos relatavam ter vida sexual ativa.

Presenciei observações de aula onde um professor de determinada escola da cidade de Fortaleza abordava questões como o aborto numa visão religiosa, atribuindo a “culpa” somente a mulher, onde só esta era responsável pela vida que gerava, já que o homem podia “fazer” o filho e ir embora. Em sua concepção, desse modo, era fundamental que as alunas se preservassem sexualmente para que elas não passassem por tal situação. Tão logo, passei a me questionar se os futuros professores de Ciências e Biologia estão sendo preparados para lidar com a sexualidade em sala de aula. Se os mesmos estão prontos para se tornarem professores reflexivos, segundo a perspectiva de Alarcão (2011 p. 44): “A noção de professor reflexivo baseia-se na consciência da capacidade de pensamento e reflexão que caracteriza o ser humano como criativo e não como mero reprodutor de ideias e práticas que lhe são exteriores.

A mesma autora complementa citando que os professores deveriam ser seres pensantes, intelectuais, capazes de gerir a sua ação profissional. Professores que estão prontos para questionar a si mesmos, a sua conduta profissional e que são capazes de perceber que a escola é um lugar que abriga diferentes identidades sociais possivelmente não irão adotar a postura do professor do caso anteriormente relatado.

Apesar de ser considerado um tema transversal pelos ainda vigentes Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), ficou nítido que a Educação Sexual acabou sendo trabalhada apenas nas disciplinas de ciências e/o biologia nas escolas onde foram realizados os estágios. Dessa forma, senti que a responsabilidade de se tratar o assunto recaí, sobretudo, sobre o professor dessas disciplinas, principalmente nos próximos anos onde a Base Nacional Comum

Curricular (BNCC) estará em vigor, esta acaba por limitar a educação sexual nas disciplinas de ciências no ensino fundamental (BRASIL, 2016).

Depois de todas as reflexões sobre a minha experiência aqui relatada, buscamos como objetivo geral do trabalho conhecer as percepções e vivências dos alunos do curso de Ciências Biológicas da modalidade de licenciatura da Universidade Federal do Ceará. Como os mesmos estão se preparando para explorar o tema futuramente? Quais suas experiências docentes e que temáticas eles consideram importante para abordar em Educação Sexual? Que reflexões os mesmos possuem sobre a futura prática docente e até que ponto o curso de Licenciatura os ajudou?

O trabalho foi em organizado em seis partes: sendo a primeira a introdução ao tema, a segunda está dividida em dois tópicos, o primeiro tópico irá abordar a sexualidade e a identidade nos aspectos de seus desafios para a docência. O segundo tópico mostra a escola como um lugar que contribui para a formação da identidade do indivíduo. A terceira parte possui um enfoque em mostrar à necessidade de se abordar a sexualidade além do ponto de vista biológico, e vai mostrar como ela deve ser tratada de acordo a BNCC. Na quarta parte do trabalho, veremos a metodologia utilizada para realizar a sexta parte que se constitui das reflexões e vivências dos alunos de Ciências Biológicas em suas práticas e na sexta parte encontra-se as considerações finais da pesquisa. Em anexo se apresenta o roteiro da entrevista e o formulário de participação da entrevista.

2. SEXUALIDADE & IDENTIDADE: DESAFIOS PARA A DOCÊNCIA

Santos (2015) em seus estudos ressalta que a sexualidade trata-se de algo que faz parte da formação humana. Sendo assim, a mesma consiste de um assunto essencial para a formação do indivíduo e como tal ela ser tratada com a devida relevância dentro de espaços que se destina à formação do homem, como os espaços escolares. A mesma autora acrescenta que a escola como instituição social tem que estar ciente de que a mesma abarca grande diversidade em sua realidade, devido ao crescimento das evidências de uma sociedade pluralista em que todos estão inseridos nos dias atuais.

Para tal pesquisadora, deve-se assumir uma postura neutra e, acima de tudo, reprimir e repudiar qualquer manifestação de preconceitos, incentivando o respeito mútuo. Isso sempre por meio de um discurso convincente além de, evitar na escola qualquer forma de protecionismo para com o “diferente” da coletividade. Atitudes assim apenas evidenciam as desigualdades e não promovem um contexto de inclusão favorável para o sujeito e a construção

da subjetividade do mesmo pelo mesmo. Apenas destacam as singularidades dos sujeitos de forma negativa, sem contribuições para a melhoria e transformação do social.

Furlani (2007) destaca o cenário da Educação Sexual nas escolas onde pode ser visto, não apenas como importante, mas como estratégico na medida em que se constitui num local potencialmente explicitador e questionador das complexas formas pelas quais as identidades culturais são construídas, articuladas, experienciadas, transgredidas e re-articuladas no âmbito do social.

A importância da Educação sexual nas escolas acontece também para romper a visão de que Almeida et al.(2005) de que as pessoas não conseguem ver a sexualidade algo inerente à vida e à saúde, algo natural e instintivo, parece que falar de sexo sempre foi ligado sacanagem, ao sujo, ao mau.

Destarte, como afirmado por Rocha (2013), se faz necessário que a escola desenvolva a educação sexual de maneira a possibilitar aos jovens a construção de conhecimentos de forma emancipada de maneira que lhes possibilite conhecer seus corpos, se prevenirem, respeitar as diferenças e combater atitudes homofóbicas e sexistas.

Jesus et al. (2008) conclui em sua pesquisa que a escola pode ser uma aliada para que a diversidade, incluindo a sexual seja respeitada pois a mesma se constitui de um lugar onde é fundamental a desconstrução de mitos e preconceitos, na promoção de valores democráticos de respeito ao outro e na transformação social. É na escola que se formam cidadãos e cidadãs atuantes. É também o espaço para que eles e elas sejam respeitados e respeitadas em suas especificidades. A escola não é só um lugar de transmissão do saber, é onde se aprendem valores e atitudes e de onde se levam as boas e as más lembranças, os bons e os maus exemplos de convivência, amizade e solidariedade.

Para que a Educação Sexual seja apresentada de forma significativa analisar o papel do educador é fundamental. Na conclusão de Maistro (2009), em seus estudos sobre o papel do professor, cabe ao mesmo ser um catalisador nas discussões, um facilitador da conversa, prestando informações científicas, polemizando os temas apresentados e garantindo o respeito à diversidade de opiniões e valores, sem ditar normas ou condutas. Ele deve ficar atento às experiências dos alunos e às suas histórias de vida. A diversidade de visões traz maior riqueza às discussões e o seu confronto favorece o exercício da autonomia e da responsabilidade do educando.

Na pesquisa de Rocha (2013) se faz necessário que os cursos de pedagogia e de licenciaturas passem a possibilitar ao futuro professor uma formação voltada para a Educação Sexual e que as Secretarias de Educação também disponibilizem formação sexual para seus professores. Contudo, ainda na perspectiva da autora a formação do educador sexual requer mais que uma formação acadêmica, pois necessita que o próprio educador possa reavaliar as

suas atitudes e conceitos e adote uma postura democrática, afim de lidar com questões diversas e até polêmicas sem a preocupação de qualificá-los em certo ou errado

2.1 ESCOLA COMO LOCÚS DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

Ao longo da vida estamos sendo expostos a diferentes ambientes, mídias, culturas e religiões. Essa exposição ajuda a nos tornamos seres únicos com características particulares de identidade, dentre essas a identidade sexual. Carvalho (2012) relata que a identidade aponta para o processo de interação dos indivíduos nos diversos espaços sociais nos quais buscam construir uma gama de sentidos de si mesmos e, simultaneamente, do outro. Esse processo de conhecimento não se reduz, contudo, apenas a um conjunto de crenças e representações sobre si mesmo e do outro, mas, também, pelo ambiente social no qual estão inseridos que se convergem na produção da identidade. Assim, a escola pode se configurar nos espaços onde distintos indivíduos com suas parcialidades poderão se encontrar.

Telarolli Júnior (1997) afirma que na escola, a sala de aula representa um espaço onde diferentes aspectos que configuram a cultura estão presentes: valores, interesses, ideologias, costumes, crenças, atitudes, tipo de organizações familiar, econômica e social, como também diferentes padrões de comportamento sexual. Desse modo, o autor afirma que a sala de aula passa ser um ambiente cultural onde encontramos tensões, contradições e conflitos.

Desse modo podemos nos perguntar, o que a escola tem a ver a formação de identidades? Pode se dizer que bastante, o contato dos alunos entre si, a forma como o professor transmite o conhecimento, o impacto que este conhecimento gera no educando, o conjunto de regras sociais e morais do espaço como também a relação entre a escola e família dos estudantes acaba por ajudar a construir a individualidade dos mesmos em torno de diferentes aspectos, dentre ele a sexualidade.

Para Carvalho (2012) a escola tende a ignorar a sexualidade, pois enquanto os adolescentes discutem e constroem suas identidades de classe social, de gênero, de etnia, de raça, de sexualidade, no seu conjunto e, “clandestinamente”, no espaço escolar, o “staff” institucional geralmente ignora esse tópico.

Um espaço que abriga diferentes individualidades vai se constituir também em um lugar de diversidades. Porém, vale destacar que em nossa sociedade nem todos os tipos de diversidades são aceitos abertamente, existe toda uma cultura, moral, preceitos religiosos que norteiam o que deve ser aceito ou não, portanto essas diversidades podem ser vistas como diferenças não toleráveis para alguns, podendo acabar por culminar em padrões comportamentais que reproduzam desigualdades.

Butler (2015) ressalta que sendo a identidade assegurada por conceitos estabilizadores de sexo, gênero e sexualidade, a própria noção de “pessoa” se veria questionada pela emergência cultural daqueles seres cujo gênero é “ incoerente” ou “ descontínuo”, os quais parecem ser pessoas , mas não se conformam às normas de gênero da inteligibilidade cultural pelas quais as pessoas são definidas.

Desse modo, seria interessante alvidrar o que Loiola (2011) destaca ao falar que se torna imprescindível vislumbrar a diversidade sexual imbricada nas relações sociais e educacionais, visto que os sujeitos agentes desse processo experienciam (ou vivenciarão) relações afetivas e sexuais no seu cotidiano.

Como cita Marley (2015) o ser diferente, a “diferença” numa sociedade que estabelece padrões que oprimem, é um fator que gera desigualdades. Ou seja, não se trata apenas de todos/as serem iguais para a autora, mas de todos/as terem oportunidade de acesso a esta igualdade, sendo fundamental considerar que o acesso deve ser garantido de forma diferenciada, já que existem desigualdades sociais.

Então presumo em dizer que a educação sexual no ambiente escolar ideal seria aquela que além de se atentar para a prevenção de doenças, conhecimento da anatomia e fisiologia reprodutora humana e métodos contraceptivos também levassem em conta a diversidade sexual, vivências e sentimentos dos alunos. A escola seria a esfera onde a conscientização da sexualidade e o respeito seriam trabalhados, ajudando na inibição da reprodução de preconceitos e desigualdades, seria um lugar aberto ao diálogo para que as exclusões em diferentes situações sejam evitadas.

Esse paradigma de escola ideal que proponho, vai ao contrário do que Louro (1997) afirma sobre como é a escola atual e de antigamente, para a autora a escola produz essas distinções e diferenças desde seu início, para a autora a escola se incumbiu de separar os sujeitos, tornando aqueles que entravam nela distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. A escola dividiu também, internamente os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento e hierarquização.

Também segundo Louro (1997) a escola delimita espaços, servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o “lugar” dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas. Através de seus quadros, crucifixos, santos ou esculturas aponta aqueles/as que deverão ser modelos e permite, também, que os sujeitos se reconheçam (ou não) nesses modelos

3. SEXUALIDADE ALÉM DE CONCEITOS BIOLÓGICOS

Então como a escola lida com a educação sexual? Podemos entender a partir dos estudos de Telarolli Junior (1997) que dada a sua organização e estrutura, a escola como instituição social tende a homogeneizar esses aspectos múltiplos da cultura na sala de aula, ignorando-os, reprimindo-os ou “engessando” as diferenças. Nesse contexto, o autor afirma também que a liberdade como uma dimensão da sexualidade, não encontra condições para emergir e se expressar. Na perspectiva do pesquisador, a ressignificação da sexualidade só será possível se a própria sala de aula for ressignificada, passando a se constituir como um espaço realmente democrático, onde as opiniões, incertezas, divergências e diferenças forem consideradas, discutidas e, quando possível, superadas.

Mas o que seria a sexualidade? Existem várias percepções sobre sexualidade, porém deixo aqui os conceitos que mais em minha opinião passam veracidade. Segundo Foucault (1997) a sexualidade seria apresentada como um dispositivo histórico que tem a ver com a grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, conforme estratégias de saber e poder.

No ambiente escolar Louro (1997) relata que a sexualidade geralmente não é apresentada de forma aberta e que ao serem indagados sobre essa questão, possivelmente dirigentes ou professores/as façam afirmação do tipo “ em nossa escola nós não precisamos nos preocupar com isso, nós não temos nenhum problema nessa área”, ou então, “ nós acreditamos que cabe a família tratar desses assuntos”. Para a autora, de algum modo parece que se deixarem de tratar desses “problemas” a sexualidade ficará fora da escola, sendo que para a mesma é indispensável que reconheçamos que a escola não apenas reproduz ou reflete concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas que ela mesma produz.

Em minha experiência em sala de aula, pude notar inicialmente um leve desconforto dos alunos em relação ao tema. Atentei que muitos alunos tinham vergonha até mesmo de olhar as imagens dos órgãos sexuais expostos, outros consideravam a aula engraçada e riam cada vez que as palavras “pênis” ou “ vagina” era pronunciada .Era nítido que aquele assunto era um tabu para os mesmos. Outros reproduziam piadas de cunho machistas e preconceituosas para as meninas quando essas conseguiam expor sua opinião ou dúvida. Acredito que uma das funções do educador neste momento é romper com esses tabus e preconceitos que estes estudantes possuem em relação aos seus corpos e sexualidade, porém me vi questionando se estava preparada para isso e se a escola daria espaço para tratar da sexualidade além de conceitos

biológicos que estavam no livro didático que fui orientada a seguir.

A adoção somente do livro didático para a educação sexual acaba por limitar muito as possibilidades de discussão em sala de aula, pois na visão de Soares (2013) em muitas situações esse livro é o único que estudantes e professores têm acesso, por essa razão ele assume o status de autoridade e o conteúdo por ele transmitido pode ser adotado como expressão da verdade. Não desvalendo a importância do conhecimento dos processos biológicos contidos nesses livros, mas reconhecendo que a sexualidade precisa ser tratada como uma conexão entre elementos psicológicos, biológicos, familiares, sociais e culturais. Seria extremamente proveitoso que a escola abrisse espaço para o diálogo entre professores e alunos além dele.

Destarte, muitas vezes os jovens estudantes encontram barreira como esta em seu percurso escolar. Muitas vezes limitado a somente um conhecimento fisiológico, anatômico e morfológico dos seus órgãos genitais, ele não encontra espaço para expressar seus anseios, incertezas e divergências que vão, além disso.

Junqueira (2013) afirma que o discurso institucional que poderia ensejar o alargamento e o aprofundamento do debate em termos críticos e inovadores ainda tende a girar unicamente em torno de preocupações da prevenção à gravidez e combate à Aids e DSTs, de modo a, involuntariamente, às ideias de risco e ameaça, reafirmando um discurso opressivo tradicional.

Loiola (2011) também concorda com a ideia ao falar que muitas vezes a sexualidade humana tem sido apresentada de forma sintética, limitando-se aos aspectos biológicos, desse modo não traduz em sua essência seus significados para a experiência humana nos diversos contextos vividos.

Figueiró (2006) fala que é sexualidade, é uma dimensão humana que vai além de sua determinação biológica, pois é, também, culturalmente determinada. As informações sobre ela trabalhadas na escola precisam envolver reflexão, tanto individual como coletiva, pois é esse exercício que permitirá ao educando reconhecer-se como sujeito de sua sexualidade, capaz de construir relações saudáveis e positivas e capaz ainda, de identificar possibilidades de interferir no curso de sua vida e da coletividade.

Bonfim (2009) afirma que a biologia, no entanto, tomada reducionista, apresenta-se insuficiente para explicar nossas vivências sexuais, não conseguindo dar conta da amplitude de suas manifestações, historicamente constituídas, o que acaba alijando a formação sexual das dimensões éticas e estéticas. A autora pontua também em sua pesquisa que os conteúdos propostos pela maioria dos livros para o Ensino de Ciências sugerem uma notável ênfase na transmissão de conteúdos programáticos que, relevantes, deveriam apresentar propostas de reflexão crítica sobre as problemáticas sociais, políticas e econômicas, para que o aluno possa estabelecer uma relação com seu cotidiano, compreender sua real significação.

Segundo observa Suplicy (1983) a criança chega à escola com todo tipo de falta de

informação e geralmente com uma atitude negativa em relação ao sexo desse modo, as dúvidas, as crenças e posições negativas serão transmitidas aos colegas. Assim sendo, professores com formação adequada serão capazes de ajudar os alunos a sanarem suas dúvidas, vencerem seus anseios e medos. Para Holanda et al. (2010) cabe à escola, na pessoa do professor, abordar os diversos pontos de vista, valores, crenças e atitudes a respeito da sexualidade, sem emitir juízo, para auxiliar o aluno a refletir sobre a temática, e assim elaborar a própria opinião.

Torna-se necessário segundo Ribeiro (1990) abordar a orientação sexual, criticamente de forma que ela reflita a sexualidade partindo de um enfoque sócio-cultural, passando pelo psicológico, até chegar aos aspectos fisiológicos, sempre levando em consideração a importância fundamental do diálogo, ampliando o senso crítico e a visão de mundo do jovem, permitindo discussões e debates.

Diante disso é relevante destacar que, no Brasil, existem documentos curriculares oficiais que também tratam desse tema. A Base Nacional Comum Curricular é um documento criado para substituir o PCN, ambos criados pelo Governo Federal. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) deve ser um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. Aplica-se à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), e indica conhecimentos e competências que se espera que todos os estudantes desenvolvam ao longo da escolaridade. Orientada pelos princípios éticos, políticos e estéticos traçados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN), a BNCC soma-se aos propósitos que direcionam a educação brasileira para a formação humana integral e para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva. (BRASIL, 2016)

O termo “orientação sexual” antes contemplado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), nos chamados temas transversais, deixou de aparecer na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). O tema foi suprimido, a sexualidade antes vista como uma tema transversal podia permear ao longo de todo o percurso educacional do aluno passou a ser apenas um tópico das disciplinas de Biologia, Ciências e Artes.

A sexualidade aparece na biologia na unidade temática “vida e evolução” como objeto de conhecimento junto com mecanismos reprodutivos. O aluno do 8º ano necessita ter segundo a BNCC as seguintes habilidades ao passar essa unidade :

Selecionar argumentos que evidenciem as múltiplas dimensões da sexualidade humana (biológica, sociocultural, afetiva e ética) e a necessidade de respeitar, valorizar e acolher a diversidade de indivíduos, sem preconceitos baseados nas diferenças de sexo, de identidade de gênero e de orientação sexual. (BRASIL 2016, p.301)

Identificar os principais sintomas, modos de transmissão e tratamento de algumas DST (com ênfase na AIDS), e discutir estratégias e métodos de prevenção. (BRASIL 2016, p.301)

Comparar o modo de ação e a eficácia dos diversos métodos contraceptivos e justificar a necessidade de compartilhar a responsabilidade na escolha e na utilização do método mais adequado à prevenção da gravidez precoce e indesejada e de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST). (BRASIL 2016, p.301)

Desse modo a responsabilidade sobre a temática recai, sobretudo para o professor de biologia visto que o tema não se enquadra mais como interdisciplinar, o educador da área deve estar preparado para conduzir o tema de tal forma que desperte as habilidades necessárias em seus alunos de acordo a BNCC. Por isso, é de suma importância observar como se estão preparando os futuros professores de biologia para lecionar o assunto.

Segundo o documento, é fundamental que os alunos aprendam os conceitos biológicos como função dos hormônios, métodos contraceptivos, doenças sexualmente transmissíveis, gravidez indesejada e também está a sexualidade abordada em suas múltiplas dimensões. A diretriz da base aponta que o aluno deve selecionar argumentos que evidenciem as múltiplas dimensões da sexualidade humana (biológica, sociocultural, afetiva e ética) e a necessidade de respeitar, valorizar e acolher a diversidade de indivíduos, sem preconceitos baseados nas diferenças de gênero. (BRASIL, 2016)

4. METODOLOGIA

Primeiramente foi realizado um breve estudo com um aparato bibliográfico sobre a educação sexual nas escolas junto com a análise de como a sexualidade é sugerida na Base Nacional Curricular Comum. Posteriormente, para se conhecer as perspectivas dos alunos de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Ceará sobre o assunto, foram escolhidos graduandos da modalidade de Licenciatura que trabalharam o tema nos estágios supervisionados ou em alguma prática docente realizada durante a graduação.

O perfil do público de entrevistados se destaca pela maioria ser composta por mulheres, 5 no total de 6 entrevistados. Todos cursaram ou estão cursando a disciplina de estágio supervisionado e alguns já realizaram atividades em educação sexual fora da disciplina. A faixa etária dos alunos está entre 22 e 33 anos, a maioria relata possuir alguma religião, com exceção do entrevistado E6 que se declarou ateu.

Como instrumento de coleta de dados foi utilizado entrevistas, meio no qual os entrevistados puderam exteriorizar suas opiniões e vivências. As entrevistas foram gravadas em um dispositivo de mídia digital e posteriormente transcritas para a análise. Desse modo, essa pesquisa se enquadra em um “Estudo de caso” de cunho qualitativo. De acordo a definição de Yin (2005), onde o estudo de caso se trata de uma investigação empírica, um método que abrange tudo – planejamento, técnicas de coleta de dados e análise dos mesmos.

Para auxiliar a entrevista, foi criado um roteiro (Apêndice A) que se dividiu em duas partes: A primeira parte aborda a identificação do aluno entrevistado e, a segunda parte da entrevista foca-se nas opiniões e vivências sobre a educação sexual durante o curso de Ciências Biológicas e a terceira sobre as perspectivas que os mesmos possuem ao se trabalhar futuramente o assunto em sala.

Depois de feito o roteiro de entrevista foi feito o convite aos alunos e explicado o objetivo da pesquisa e apresentado o Termo de Consentimento Livre Esclarecido. Depois, foi feito o agendamento do horário para que ficasse mais conveniente para cada um, sem atrapalhar suas atividades de rotina.

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Quando questionados sobre suas experiências em educação sexual as respostas advindas dos futuros educadores basicamente se dividiram em dois eixos: as experiências em sala de aula provinda dos estágios supervisionados obrigatórios e as experiências advindas de algum programa de bolsa, no caso aqui retratado Programa Instituição de Bolsas de Iniciação a Docência (Pibid), Seara da Ciência e Programa de Educação Tutorial (PET)

Os entrevistados E1, E2, E3 trabalharam o tema educação sexual nos estágios do ensino médio enquanto E4 e E5 executaram o tema nas atividades de sua bolsa Pibid, com supervisão de seus respectivos coordenadores e o participante E6 aplicou o tema em um cursinho básico realizado pelo Seara da Ciência, onde o mesmo é bolsista atualmente. Como notado, o tema educação sexual advém em várias situações durante a caminhada acadêmica do aluno licenciando, seja como estagiário, bolsista ou em ambas as situações ao mesmo tempo. Sabendo-se disso foi questionado aos estudantes como os mesmos executaram tais atividades e foi encontrado similaridade em certos aspectos.

Os entrevistados E4 e E6 acharam interessante fazer com que os alunos expusessem

suas dúvidas por meio de perguntas e as utilizaram para promoverem um debate acerca do tema com os alunos, como podemos observar nos depoimentos:

“A gente aplicou a seguinte metodologia, a gente colocou uma caixa na cantina da escola, a gente passou nas salas entregando um pedacinho de papel pra eles e pedindo que eles colocassem qualquer dúvida que eles tivessem com relação com o tema de gênero e sexualidade, sexo e reprodução, enfim essas questões” (E4)

“Eu dei um papel curto, todos tinham que escrever ou pelo menos riscar, para que os colegas não se sentissem envergonhados em fazer a pergunta, então todos fizeram as perguntas e a gente guardou né, que a gente ia usar isso num segundo momento” (E6)

É interessante destacar o que foi importante para a participante E2, para a mesma para que ocorresse esse debate de perguntas sem tabu, foi necessário ter liberdade em sua prática docente :

“Eu posso dizer pelas que eu trabalhei, tive bastante liberdade pra abordar o tema, não teve nenhum tabu, foi uma aula diferente daquela aula que é feita no espaço em sala de aula, todo mundo em fileirinha nas carteiras, você só falando lá na frente , não, foi uma coisa construída ali todo mundo junto e tal” (E2)

Já a participante E5 fala que realizou oficinas em sua atividade da sua respectiva bolsa :

“a gente fez palestras foi em formas de oficinas em que a gente pegou quase todas as turmas da escola, as palestras aconteciam em 50 minutos e a gente pegava 3 turmas no auditório”

Enquanto, as entrevistadas E1 e E3 utilizaram do método tradicional para suas práticas docentes, além de utilizarem jogos e vídeos para tratar o assunto:

“fiz uma abordagem expositiva logo de início, e eu me preparei pra essa prática , procurei fontes na internet ,apliquei um jogo”(E3)

“Além de uma aula expositiva, como eu iria trabalhar isso? Não tinha muita ideia, e eu também não encontrei material muito didático em português, que fosse atrativo pra esses alunos, pra levar para sala de aula. O que eu encontrei foram pequenos vídeos que falavam como usar os métodos, mas não era muito didático, não era algo realmente

focado, destinado ao ensino , principalmente ao ensino de jovens” (E4)

Vemos nos depoimentos dos entrevistados que alguns se atentaram que seria importante para realizar um bom debate conhecer as dúvidas dos jovens alunos, desse modo os anseios dos mesmos passaram a ser o norteador da aula, onde o professor atuou como mediador de tais questões, indo de encontro com o pensamento de Maistro (2009) ao ressaltar o professor como um catalisador nas discussões, atuando como um facilitador. A próxima pergunta foi direcionada para saber se tiveram e em quais pontos surgiu dificuldades para os alunos licenciandos ao abordar o tema, alguns entrevistados como E 1 e E 2 encontraram dificuldades em fazer com que os estudantes fossem receptivos ao tema sem serem esquivos com a utilização de brincadeiras em alguns instantes de suas práticas docentes:

“Foi difícil fazer com que os alunos mostrassem suas dúvidas, conversassem abertamente sobre isso. Eles estavam muito fechados, a gente não conseguiu extrair muitas coisas deles, alguns levavam sempre na brincadeira, outros muito tímidos, pouquíssimos perguntaram realmente, alguma coisa interessante, relevante, então isso foi uma dificuldade muito grande, por que não tinha como avançar muito” (E1)

“Você não sabe se vão ser se as dúvidas vão ser realmente são dúvidas sinceras, honestas ou se eles tão tipo é de sacanagem, alguns as vezes até fazem umas perguntas que parecem brincadeira ” (E2)

Analisando as reações dos adolescentes pode se perceber que as temáticas em educação sexual se configuram provavelmente como um tabu para os mesmos. Essa dificuldade em se dialogar de forma aberta, criando perguntas que surge de um questionamento honesto, fruto de suas dúvidas e anseios deve estar ligada ao que Almeida, Costa e Silva (2005) ressaltam , de que as pessoas não conseguem ver a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde, algo natural e instintivo, parece que falar de sexo sempre foi ligado sacanagem, ao sujo, ao mau.

Já a entrevistada E5 relata que sua maior dificuldade foi adaptar o tema conforme a faixa etária dos seus alunos:

“No estágio eu percebi que eu tive dificuldade primeiramente em trabalhar esse

assunto, pois o ensino fundamental 2 ainda relativamente são adolescentes de menor idade né, entre os seus 12 e 13 anos e pra mim inicialmente foi bem complicado de como eu iria abordar esse tema sem ser tão expansivo ou então alguma coisa do tipo assim” (E5)

Seguindo o interesse na prática docente dos licenciandos, buscou-se conhecer como os mesmos se planejaram para o exercício de suas respectivas atividades em aula. Encontrou-se um padrão onde os alunos que trabalharam isso nos estágios (E1, E2, E3) ou no cursinho ofertado pela Seara da Ciência no caso do entrevistado (E6) basearam sua preparação em materiais disponíveis na internet, enquanto os alunos bolsistas do Pibid basearam-se em leituras, materiais recomendados pelos seus coordenadores, exemplificado nas falas dos alunos:

“Eu acompanho alguns canais de algumas pessoas que trabalham com isso, outras coisas eu sei por pesquisa própria porque é um tema que me interessa muito” (E6)

“(…) a forma como eu achei para conseguir esse embasamento, além de ler os livros, foi através de vídeo aulas no YouTube e cartilhas, tem cartilhas no ministério da saúde que fala sobre alguns temas e tal” (E2)

“Então a primeira coisa que a gente buscava muito se apegar digamos assim, se preocupar era conversar com o nosso orientador no Pibid da época, na graduação, na faculdade, então a gente procurava por ele, perguntava, e por ser um biólogo né, isso facilitava muito que a gente perguntasse abertamente, ele muito solícito sempre contribuía, então ele orientava algumas leituras, fazia as discussões conosco quando a gente tinha alguma dúvida” (E4)

Contudo, é possível observar nas falas da participante (E1) algo que é muito comum nos depararmos nesse mundo vasto de informações que é a internet, a insegurança de selecionar materiais com conteúdo realmente válidos para os educandos:

“(…) eu também não encontrei material muito didático em português, que fosse atrativo pra esses alunos, pra levar para sala de aula. O que eu encontrei foram pequenos vídeos que falavam como usar os métodos, mas não era muito didático, não era algo realmente focado, destinado ao ensino, principalmente ao ensino de jovens” (E1)

Boa parte dessa insegurança vem do fato de não existir no currículo de Licenciatura em Ciências Biológicas uma disciplina obrigatória voltada para a Educação Sexual ou alguma que ajude a sua específica instrumentalização. Vale ressaltar que existe sim, uma disciplina de Educação Sexual na Universidade Federal do Ceará, porém a mesma é ofertada pelo Departamento de Teoria e Prática do Ensino, da Faculdade de Educação (FACED), *Campus* do Benfica, e se configura em uma optativa voltada primeiramente para os currículos de Música, Matemática, Física e Educação Física, sendo que os alunos de biologia podem cursar como optativa livre. Desse modo como podemos atentar nas falas a seguir dos entrevistados, que os mesmos trabalharam o tema sem ao menos terem observado alguma vez na vida como a Educação Sexual pode ser trabalhada, seja nas escolas ou faculdade:

“Na faculdade também não é abordado isso, não teve nenhuma cadeira que abordou isso, então através cartilhas do ministério da educação , eu busquei embasamento nesse tipo de coisa porque a faculdade não me deu ,infelizmente subsídios nenhum para que eu pudesse dar essa aula no ensino fundamental” (E2)

“Eu nunca tive chances de observar como as escolas trabalham, na ESEF 2 , eu apliquei sobre educação sexual Dsts, mas a professora tinha dito que trabalhou com projetos , e que tinha passado sim sobre educação sexual, e na ESEM de ensino médio ela disse que no final do ano provavelmente ela passaria algo sobre isso.”(E3)

Por isso, nessa fase inicial de formação docente seria ideal em nosso currículo ter uma disciplina mais focada no assunto que conduzisse os futuros professores nessa busca de ferramentas didáticas de confiança, para que os mesmos se sentissem mais seguros em aplicar o tema, ou que fomentasse a vontade de que eles mesmos criassem seus próprios recursos didáticos. Concordando assim, com a proposta da autora Rocha (2013) de que os cursos de licenciatura deviam possuir uma formação para Educação Sexual. Sem essa preparação, na opinião da entrevista E4 saímos sem grande preparo para trabalhar o assunto:

“(...) eu percebo, conhecendo melhor a grade, conhecendo o currículo da biologia eu vejo que nós não temos isso, enquanto currículo obrigatório, se a gente seguir o currículo obrigatório regular, a gente sai sem condições de debater sexualidade nas escolas, isso é uma constatação, não só minha, mas imagino quem passa o curso de biologia percebe isso” (E4)

Cabe evidenciar também que existem as disciplinas de Instrumentalizações para o Ensino de Ciências, essas se configuram essenciais para a formação de um professor de biologia reflexivo, os preparando de diversos modos para o exercício de sua profissão com maestria. Talvez as mesmas tenham ajudado os alunos de licenciatura a expandirem suas consciências enquanto educadores de que um tema ainda polêmico, cheios de tabus como esse, devesse ganhar um pouco mais de destaque durante nossa graduação:

“Então nenhuma disciplina que eu fiz aqui no curso de Ciências Biológicas da UFC, me preparou de forma nenhuma para dar essa aula , inclusive na verdade a gente deveria ter esse enfoque” (E6)

“(...) se eu não tivesse lido, pesquisado com a ajuda do coordenador eu não saberia como eu iria abordar com os alunos, eu iria ficar bem perdida e eu sinto, senti realmente falta disso em alguma disciplina para a gente trabalhar mais essa temática até porque é muito comum acontecer pergunta sobre isso dentro da escola” (E5)

5.1. PERSPECTIVAS DA FUTURA PRÁTICA DOCENTE

Para se conhecer um pouco mais sobre as perspectivas dos futuros professores de biologia foi perguntando o que os mesmos, enquanto profissionais consideram de grande importância de ser abordado em uma aula de educação sexual. Os estudantes evidenciaram em suas respostas as questões das doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), gravidez indesejada, métodos contraceptivos, anatomia e fisiologia do sistema reprodutor:

“DSTs, eu acho que são o que eu considero assim de bastante importância em ser abordado em sala e fora isso a prevenção também, existem várias maneiras de prevenir , eles tem muitas dúvidas em relação a pílula do dia seguinte ” (E3)

“Além de abordar anatomia, a fisiologia humana, toda essas questões biológicas , tratar também dos métodos contraceptivos cada método , forma de uso , onde encontra , preço, tem que abordar sim os maiores aspectos possíveis em relação a isso , mas também tem que ter eu acho importante a conscientização, porque eu vou me proteger, e se eu não me proteger , o que isso vai implicar? ” (E1)

Além disso, muitos se atentaram em observar a importância de ser tratar a questão de identidade de gênero em sala de aula como vemos nas falas dos entrevistados E2 e E 6 :

“(…) já que a gente tem um problema sério relacionado a essa parte prevenção e contracepção e outra coisa que eu acho muito importante, que a nova geração começar a aprender desde cedo, é a parte de orientação sexual , sobre homossexualidade , pessoas cis , pessoas trans , identidade de gênero ,todas essas questões de orientação sexual deviam ser abordadas , afim de contribuir com uma cultura nova que possa ter menos preconceito ,porque realmente já está na hora de mudar ” (E6)

“Além da anatomia, sexo a gente não ensina só pra reprodução, a gente fala também a questão do prazer, porque do que adianta sexo só pra reproduzir, aí a gente está voltando a idade média e a questão hoje em dia da identidade de gênero , hoje , a gente não tem como escapar disso , não há como não abordar esse tema, mesmo porque eles tem dúvidas sobre isso e as vezes a gente mesmo tem dúvida e eles sabem mais do que a gente , sabe numa aula dessa eu acabei aprendendo mais do que eu ensinei pois a aluna veio falar da questão binário e não binário, assim eu tinha lido sobre isso, mas não tinha me aprofundado e assim você tem que falar sobre isso hoje sobre gênero, as questões de gênero até mesmo colocando a questão do preconceito , principalmente da homofobia então não é só você dar uma aula de sexo é dar uma aula de sexo, mas você também ensina respeito , então é tudo uma coisa interligada , então a função do professor de biologia é mais que ensinar apenas que os aspectos biológicos ”(E2)

Vale ressaltar, que quando a estudante se refere a “apenas aspectos biológicos” em sua fala, a mesma está querendo ressaltar a existência de uma possível restrição na educação sexual, onde a mesma é aplicada somente focada em conteúdos com fator biológico. O que para entrevistada E4 se torna um modo incompleto de se tratar o assunto, pois na opinião da mesma:

“(…) o homem não é só fruto de um conjunto de genes que vão formar aqueles indivíduos, mas tem uma relação social, ambiental, cultural que também vai formar o homem, a mulher, a criança, então tudo isso precisaria ser abordado, a gente abordar isso na graduação, e que tivesse isso fomentado na graduação para que a gente pudesse fazer um debate qualificado no ensino básico” (E 4)

Ainda para a mesma, além da identidade de gênero, temas como violência sexual e a sexualidade como expressão devem ter um espaço importante no diálogo com os adolescentes:

“Outro elemento importante é a sexualidade enquanto expressão essa questão do que eu gosto, do que eu desejo, do que eu quero da identidade de gênero , essas relações entre as pessoas, isso também é uma coisa que tem que se discutido , né. Isso precisa ser discutido com os estudantes, pois eles vão sentir isso uma hora ou outra, a escola pode querer não debater , mas isso é uma coisa que vai surgir , isso surge na escola, isso é visível , a gente vê os meninos e as meninas , eles tem essas relações ,isso também precisa ser discutido nas escolas ,a questão da violência sexual eu acho que é uma coisa que é importante , porque a gente precisa saber quando aquele sujeito tá

sofrendo a violência ele precisa saber identificar quando está sofrendo a violência, então a gente precisa fazer esse debate também (E4)”

As reflexões da entrevistada E4 vai de encontro ao que ressalta Figueiró (2006) ao abordar o que é sexualidade, que é uma dimensão humana que vai além de sua determinação biológica, pois é ,também, culturalmente determinada .As informações sobre ela trabalhadas na escola precisam envolver reflexão, tanto individual como coletiva, pois é esse exercício que permitirá ao educando reconhecer-se como sujeito de sua sexualidade, capaz de construir relações saudáveis e positivas e capaz ainda, de identificar possibilidades de interferir no curso de sua vida e da coletividade .Na opinião da entrevistada E5 o que seria interessante em se trabalhar em sala de aula foi o que a mesma observou como sendo dúvida de seus alunos em suas práticas anteriores:

“Seria a questão sobre a homossexualidade, sobre orientação sexual, sobre diversidade sexual porque é bem difícil de ser trabalhado e é muito comum o tema entre os alunos, também trabalhar essa temática gravidez na adolescência que apesar de todas as informações que são passadas através das tecnologias, sempre tem alunos questionando, sempre tem alunos com muitas dúvidas, também ressaltar um pouquinho de uma forma diferenciada essas questões das doenças sexualmente transmissíveis” (E5)

Ao se apresentar temas como esse, a escola passa ser uma aliada para que a diversidade sexual seja respeitada como propõe os autores Jesus et al. (2008) .

A próxima questão tentou analisar se os estudantes se consideram- se seguro para trabalhar e dialogar sobre a sexualidade, levando em conta todas as esferas: biológica, sociocultural, afetiva, ética. Pode-se constatar que cada participante possuem uma percepção e vivência própria, o que culminou em respostas diversificadas. As entrevistadas E3 e E1, por exemplo, não se consideram preparadas para abordarem temas como identidade de gênero:

“(…) com relação a identidade de gênero, essas coisas, então não sei como eu reagiria, então eu tentaria falar com o qual eu conheço né? Segundo as minhas convicções , mas eu confesso que eu teria que ter um estudo antes, não acho que eu esteja realmente preparada para abordar toda essa amplitude no momento não.” (E3)

“(…) uma questão que eu tenho muita dificuldade em lidar ainda é a questão de gênero, porque é uma coisa que eu não tenho é proximidade , e é uma temática que

está ganhando muita força nesses últimos anos , tem vários movimentos que falam sobre isso sobre essa questão de gênero e sexualidade e eu não tenho preparo, ainda não tive nenhum preparo , nenhuma capacitação sobre isso então nessa questão ”(E1)

Na percepção do aluno E6 a biologia deve agregar todos os conceitos do tema sexualidade, pois a mesma é inerente do ser humano, que faz parte de seus objetos de estudo, assim haveria uma preparação:

“toda essa temática envolve a biologia, toda temática de identidade de gênero, de orientação sexual, por exemplo, envolve a biologia. A biologia é uma ciência que estuda organismos vivos, e isso faz parte da nossa ciência, ah então assim, o pessoal só quer tratar determinismo biológico, só sexo biológico, a prevenção isso pra mim é muito importante, com certeza, mas a gente evoluiu muito nos estudos sexuais desde essa época e a biologia deve imediatamente agregar esses outros conceitos sim, então eu acho que talvez seja o caso , como a gente falou nas questões anteriores , a gente não tem uma preparação para isso, a gente precisa mais de uma percepção mais da área das humanas, da psicologia, mas enfim agregando ao conteúdo biológico, isso é um conteúdo biológico” (E6)

E5 ressalta que falta segurança devido a não saber como a escola e a família se portará com o assunto, e também a dificuldade de ser imparcial:

“Você como professora tem que ser imparcial sobre aquele assunto e você tem que saber como vai responder uma pergunta do aluno e isso é bem difícil ai entra várias questões de como é a didática da escola, ai entra a família, ai eu acho que é bem complicado ainda eu ter segurança sobre esse assunto” (E5)

Essa insegurança pode ser vista como uma reação a tudo o que o espaço da sala de aula representa como afirma Junior (1997) um lugar de diferentes aspectos que configuram a cultura, podendo assim encontrar tensões, contradições e conflitos.

Para E4 é necessário ainda na graduação que a educação sexual ganhe um espaço em seus debates para que os estudantes saiam com uma preparação adequada para lecionar nas escolas:

“A gente tem disciplinas de embriologia, mas isso não é educação sexual, a educação sexual é muito, além disso, a gente não tem essa condição de fazer, então acho que vai ficar encargo a mais para o professor de biologia que não está preparado, isso precisa ser discutido na graduação ,para que a gente possa realmente se preparar para se fazer isso na escola ”(E4)

Já a entrevistada E2 considera- se sim preparada para abordar o tema, mas ressalta que essa preparação veio por conta de seu próprio interesse:

“Eu me sinto preparada e não sinto nenhuma dificuldade pra isso vergonha tabu, falar de sexo tem que ser algo natural porque o sexo tá na nossa vida , não tem como, todos nós viemos de uma relação sexual , então a relação sexual tá no cotidiano , ela é uma necessidade física para o homem e para mulher , ao contrário do censo comum que diz só para o homem mas claro isso tudo é mais pela vivência , pela minha busca por formação fora do ambiente acadêmico , porque a universidade infelizmente não prepara pra isso , isso você vai se preparando por sua própria conta e você vai e claro com a questão da prática” (E2)

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Averiguando as percepções e reflexões dos alunos de Ciências Biológicas os mesmos percebem que a Educação Sexual ainda é tema de grande polêmica, de difícil abordagem na maioria das vezes nas práticas docentes.

Os futuros professores acabam entrando em contato com a educação sexual nos estágios ou em alguma bolsa durante sua graduação e se preparam basicamente por materiais encontrados na internet ou materiais orientados pelos seus coordenadores de bolsa.

A maioria ainda não se considera totalmente seguro em tratar o assunto, principalmente por não terem tido contato prévio com a abordagem do tema em sala de aula e não saber que questões podem tratar como abordar ou simplesmente não saber lidar com as reações dos alunos.

Como futuros docentes, os estudantes reconhecem que é fundamental estarem bem preparados para lecionar o assunto que desperta tamanho interesse nos adolescentes, visto que muitas vezes, é somente nesse espaço que estes jovens podem exprimir seus anseios. Portanto, destacam que a Educação Sexual precisa ganhar um espaço maior para discussão ao longo do

curso, com ações que instiguem o debate da sexualidade em todos os seus aspectos biológicos, culturais, psicológicos e emocionais.

Os alunos ressaltam a extrema necessidade nos dias atuais da abordagem de uma Educação Sexual que possa ser dialogada criticamente, onde a reflexão é estimulada, desse modo é possível romper os tabus e preconceitos que pairam em torno da questão.

A Educação Sexual assim, para os mesmos ajudará no exercício de respeito às particularidades da identidade de cada indivíduo e fomentará o conhecimento da própria saúde.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel. **Professores Reflexivos em uma escola reflexiva-** 8. ed. Cortez: São Paulo , 2011.

ALMEIDA, D.S.; COSTA, R.L.; SILVA, T.M. **Chega de Tabu! A sexualidade sem medo e sem cortes.** Disponível em: <http://www.unesp.br/prograd/PDFNE2005/artigos/capitulo%201/chegadetabu.pdf>. Acesso em: 06 jul.2017

BOMFIM, S. Orientação sexual na escola: tabus e preconceitos, um desafio para a gestão. 2009. 71f. Monografia (Graduação em Pedagogia) - Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia. Salvador 2009 Disponível em: <http://www.uneb.br/salvador/dedc/files/2011/05/Monografia-SANDRA-SOUZA-BOMFIM.pdf> > . Acesso em: 02 jul.2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Proposta preliminar. Segunda versão revista. Brasília: MEC, 2016. Disponível em: Acesso em: 20 mai.2017

BUTLER, J. **Problemas De Gênero: Feminismo e Subversão Da Identidade** 8.ed- Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CARVALHO, M; A. Construção das identidades no espaço escolar. **Revista reflexão e ação.** Santa Cruz do Sul, v.20, n1, p.209-227, jan./jun.2012; disponível em: <<https://online.unisc.br/ser/index.php/reflex/article/viewFile/2161/2521>>. Acesso em: 28 mai de 2017

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I:** a vontade do saber. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

FURLANI, J. **Sexos, sexualidades e gêneros:** monstruosidades no currículo da Educação Sexual. Disponível em: < <http://lcc-ead.nutes.ufrj.br/constructore/objetos/obj22054.pdf>>. Acesso em: 29 mai de 2017

JESUS, B et al. **Diversidade Sexual na Escola:** Uma metodologia de trabalho com adolescentes e jovens disponível em:<<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2015/11/Diversidade-Sexual-na-Escola-uma-metodologia-de-trabalho-CORSA-e-ECOS-2008-1.pdf>>. Acesso em: 27 mai de 2017

LORENCINI, J. A. Os sentidos da sexualidade: natureza, cultura e educação. *In: AQUINO, J.G. (Coord.). **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997.*

LOIOLA, L.P. Aproximações teórico-práticas em torno da diversidade sexual. *In: COSTA, A; Joca ,A; Xavier Filho ,F;(Org.) **Recortes das sexualidades: encontros e desencontros com a educação**. Fortaleza. Edições UFC, 2011.*

LOURO,G.L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis. Rio de Janeiro. Vozes, 1997

HOLANDA, M.L et al. O Papel Do Professor na Educação Sexual de Adolescentes *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 2009* disponível em: <http://revistas.ufpr.br/cogitare/article/viewFile/20371/13540> acesso em 29 abr de 2017.

MAISTRO, V.; A, SÉRGIO M.; J, ÁLVARO L. **O Papel do Professor em um Projeto De Educação Sexual** disponível em: <http://posgrad.fae.ufmg.br/posgrad/viiienpec/pdfs/955.pdf> acesso em 22 de mar de 2017. Acesso 20 jun de 2017

MARLLEY, L. **Formação Docente Para a Educação em Direitos Humanos: Uma Análise do curso de extensão na modalidade educação a distância no Ceará**. *In: Joca, A; Vasconcelos F; Natividade M.(Org.). Educação em Direitos Humanos, Gênero e Diversidade Sexual: Reflexões, Projetos e Experiências*. Recife 2015. Acesso 20 abr de 2017

RIBEIRO, P, R, M. **Educação Sexual Além Da Informação** – São Paulo. Epu, 1990

ROCHA, V.V. **Educação Sexual Nas Escolas: Concepções dos Professores e Percepções de Pais e Alunos** disponível em : http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/6153/Valdira%20Rocha_format.pdf?sequence=1 . Acesso 20 abr de 2017.

SANTOS, A. C. T. **A Sexualidade e o Atual Currículo Escolar: Quais As Contribuições Na Construção Da Identidade Do Educando?** Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Eventos/2015/xiisemanadamulher11189/a-sexualidade-e-o-atual_ana-carolina-teixeira.pdf . Acesso em : 10 jun de 2017.

SUPLICY, M. **Conversando sobre sexo**. Petrópolis, RJ. Vozes, 1983.

TELAROLLI JÚNIOR, R. **Sociedade, cultura e desejo**: a sexualidade humana. In: KUPSTAS, Márcio (Org.). **Comportamento Sexual**. São Paulo: Moderna, 1997.

PÊN DICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA

PERFIL DO ENTREVISTADO

Identificação do entrevistado(a) :

Nome:

Idade:

Possui Religião?

Semestre :

PARTE 01 - OPINIÕES E VIVÊNCIAS SOBRE A EDUCAÇÃO SEXUAL DURANTE O CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Você já teve alguma oportunidade de conhecer ou de se trabalhar educação sexual ?

Comente a sua experiência, teve dificuldades? Em quais questões?

Alguma disciplina do curso o ajudou a ter embasamento teórico para isso? Conte como se preparou para essa prática docente.

Já teve chances de observar como as escolas trabalham o tema?

PARTE 02: PERSPECTIVAS DA FUTURA PRÁTICA DOCENTE

Quais assuntos você considera de extrema importância a ser abordado?

Sabendo- se que a orientação sexual deixou de ser um tema transversal e passou a ser um tópico de uma unidade temática da biologia, você acha que aumentou a responsabilidade do papel do professor de biologia ?

Considera- se seguro para trabalhar e dialogar sobre a sexualidade além do ponto de vista biológico, incluindo a forma sociocultural, afetiva, ética?



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Estimado(a) Estudante (a), você está sendo convidado por Amanda Hellen Gomes de Mesquita sob orientação do professor Raphael Alves Feitosa (Departamento de Biologia da UFC) a participar como voluntário de uma pesquisa. Você não deve participar contra a sua vontade.

Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos.

Os benefícios esperados para o voluntário, bem como para a comunidade universitária, é a compreensão mais aprofundada da formação humana (universitária e artística) que envolve seus atores/autores sociais a partir da ótica dos próprios participantes.

Destacamos que você poderá, a qualquer momento, se recusar a continuar participando da pesquisa e, também poderá retirar o seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer prejuízo.

A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo.

Informamos que não há nenhum tipo de pagamento para a participação do voluntário.

Garantimos que as informações conseguidas através da sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto aos responsáveis pela pesquisa, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos

do assunto. Atestamos o nosso compromisso como pesquisador de utilizar os dados e/ou material coletado somente para esta pesquisa.

OBJETIVO DA PESQUISA

O objetivo dessa pesquisa é compreender as reflexões dos alunos de Ciências Biológicas sobre Educação Sexual e conhecer suas práticas docentes na área.

PROCEDIMENTOS DESENVOLVIDOS NA PESQUISA

O procedimento da pesquisa consistirá em responder algumas perguntas a respeito da sua formação universitária e de alguma prática docente realizada.

Essa entrevista será gravada através de um gravador de voz digital. Você poderá solicitar uma cópia digital dessa entrevista e/ou da transcrição desse material.

RISCOS E DESCONFORTOS

É possível que haja um leve desconforto durante a entrevista, pois a mesma exige que o participante dedique algum tempo de seu dia para a tarefa.

Este estudo apresenta risco mínimo, isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras como conversar, tomar banho, ler etc. Apesar disso, você tem assegurado o direito a ressarcimento ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa. Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada.

INFORMAÇÕES SOBRE SIGILO E ANONIMATO

Garantimos que as informações conseguidas através da sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto aos responsáveis pela pesquisa, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto. Você não será identificado em nenhuma publicação.

Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o

pesquisador responsável por um período de 1 ano e, após esse tempo, serão destruídos.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma via será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

O abaixo assinado _____, _____ anos, portador do RG nº _____ declara que é de livre e espontânea vontade que está participando como voluntário da pesquisa.

Eu declaro que li cuidadosamente este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que, após sua leitura, tive a oportunidade de fazer perguntas sobre o seu conteúdo, como também sobre a pesquisa, e recebi explicações que responderam por completo minhas dúvidas. E declaro, ainda, estar recebendo uma cópia assinada deste termo.

Fortaleza, ____ de _____ de _____

Assinatura do voluntário: _____

Amanda Hellen Gomes de Mesquita

Testemunha

(Pesquisador Responsável)

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO COORDENADOR DA PESQUISA

Título do Projeto: Conhecendo E Tecendo Reflexões Sobre As Vivências Em Educação Sexual Dos Alunos De Ciências Biológicas

Pesquisador Responsável: Amanda Hellen Gomes de Mesquita

Instituição a que pertence o Pesquisador Responsável: Universidade Federal do Ceará (UFC).

Telefones para contato com o pesquisador: (85) 999620272 - E-mail do pesquisador: amandamesss@gmail.com

ATENÇÃO: Se você tiver alguma consideração ou dúvida, sobre a sua participação na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFC: Rua Coronel Nunes de Melo, 1000 - Rodolfo Teófilo. Fone: 3366-8344.

